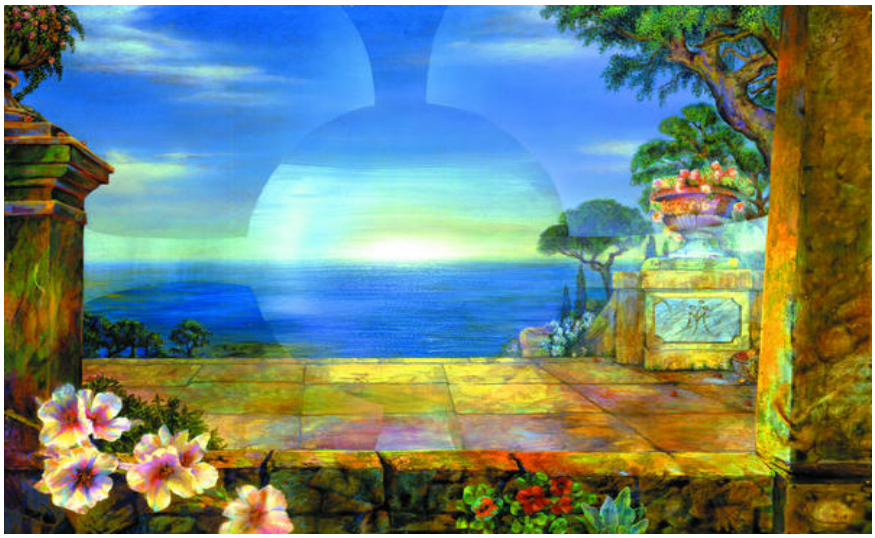
LIVRO DE LEON DENIS

GIOVANA



Novela espírita
Traduzido por: Paulo A. Ferreira
Revisado por: Lucia F. Ferreira

I

Todos aqueles que percorreram a Lombardia conhecem o Lago de Côme, retalho do céu da Itália caído entre as montanhas, esse maravilhoso éden onde a natureza se senta em trono, ornada

por uma festa eterna. As linhas sinuosas dos montes que o rodeiam, a o espelho límpido e azul de suas águas, formam um surpreendente contraste.

Cidades e brancas aldeias se sucedem sobre suas bordas como pérolas de um colar. Acima delas, sobre o flanco das colinas, se dispõem jardins em terraços que se revestem, em disputa pela primazia, de laranjeiras, limoeiros, romãzeiras e figueiras. Mais para o alto, a folhagem pálida das amendoeiras, o cinzento de prata das oliveiras, os pâmpanos das videiras, atapetam os declives. Como graciosas cidades, pintadas de cores suaves, as copas de grandes árvores sombreando brancas estátuas abrem-se aqui e ali nesse verdejante manto.

Ao longe, os Alpes se elevam majestosos, coroados de um diadema de geleiras. Sobre tudo isso, resplandece a luz do meio-dia, luz radiosa que reveste de tons deslumbrantes as cristas das rochas e as velas dos barcos de pesca, que deslizam numerosos sobre o pacífico lago.

Para apreciar a poesia serena desses lugares, pegue uma barca e faça-se ao largo quando chega à hora do crepúsculo. Nesse momento, uma brisa ligeira enruga as águas e faz estremecer as tamarineiras na margem. O odor penetrante das murtas se casa aos doces cheiros das laranjeiras e dos limoeiros. De todos os pontos do lago se elevam cantos. É a hora em que os trabalhadores dos campos e os jovens trabalhadores das fábricas retornam às aldeias, cantando as barcarolas. Suas melodias chegam a nós enfraquecidas pela distância, e, na calma do entardecer, parecem descer do céu.

Logo, a esses sons se junta o som dos instrumentos de música vindo da costa e das vilas iluminadas. O lago inteiro vibra como uma harpa. E assim, acrescentando à magia desta cena, o astro das noites mostra seu disco por cima das montanhas; sob seus raios

peneirados, os cumes alpestres se colorem; ele lança sobre as águas transparentes suas longas caudas de prata fluida; então, esse ar inebriado, esses céus tão doces, esses perfumes, essas harmonias, esses jogos de luz e sombras, tudo isso, preenche nossa alma de umas emoções deliciosas, inexprimíveis.

Uma graça encantadora envolve toda a região sul do lago; entretanto, mais ao alto, na direção norte, aproximando-se dos Alpes, o aspecto se faz severo, imponente. As rochas têm formas mais ásperas; os montes são mais abruptos. Os jardins e as plantações de oliveiras dão lugar às castanheiras, aos sombrios pinheiros. Grandes picos, calvos, solitários, observam do fundo do horizonte e parecem sonhar.

Próximo de Gravedona abre-se um vale estreito, percorrido por uma torrente que salta de rocha em rocha e faz brotar suas águas vivas em cascatas alegres. Algumas modestas habitações estão espalhadas pelo verde. Ao pé de uma queda retumbante, pela qual a torrente se precipita nos últimos contrafortes, um moinho desabando de velhice faz ouvir seu barulho monótono. De lá, uma vereda segue as desigualdades do solo escalando as escarpas, mergulha nas ravinas pedregosas e, através os cistes, as aveleiras, as salvas e os buxos, termina em um último casebre que dois grandes freixos protegem com sua sombra. Ao redor de seus troncos robustos, as guirlandas de uma videira se enrolam. Elas enlaçam os galhos com seus festões e quando ficam autônomas, deixam pender seus belos cachos de uvas italianas, de meio metro de comprimento, de bagos oblongos, saborosos, crocantes que estalavam entre os dentes. O casebre está quase inteiramente escondido sob uma espessa camada de hera.

Sobre seu telhado, transformado em canteiro, gramíneas germinam, flores desabrocham. As andorinhas construíram seus ninhos entre as traves. Ao menor ruído, vêem-se aparecer suas pequenas cabeças inquietas.

Uns vastos cercados, invadidos pelas heras e plantas selvagens, se estende atrás da cabana, e um estábulo vazio, deteriorado, aberto a todos os ventos, se apóia na sebe densa.

Há alguns anos, o aspecto desse canto de terra era todo diferente. O jardim, conservado com cuidado, era produtivo, agradável à vista; o estábulo abrigava duas belas cabras e um asno vigoroso. Pietro Menoni habitava esta cabana com sua mulher Marta e suas três crianças. Toda esta família vivia do produto do cercado.

Cada semana, Pietro carregava seu asno, Ruffo, de cestas de frutas, cestos de legumes e jarras de óleo que ele ia vender no mercado de Gravedona. No inverno, havia o leite das cabras, as castanhas em quantidade e, durante os longos serões, trançava-se os cestos e preparavam-se as guarnições de vime que preservavam os « frascos » de vinho.

A abundância reinava nesta casa. Mas vieram os maus dias: Pietro, atingido por uma doença grave, definhou muito, e morreu. Foi preciso vender as cabras e Ruffo, por sua vez, partiu. O jardim, abandonado, não produzia mais, e a miséria caiu sobre a humilde família. Sujeita a um incessante labor, minada por dolorosas preocupações, Marta sentiu suas forças se esvaírem rapidamente.

Penetre nesse interior e veja, sobre um catre, essa mulher envelhecida antes do tempo, a pele tingida de amarelo, as faces cavadas, os olhos brilhantes de febre; eis o que as vigílias, o sofrimento e as lágrimas fizeram da robusta camponesa. Suas três crianças estão junto dela. A mais velha, Léna, mocinha de quinze anos, de membros franzinos, fisionomia já murcha pelas privações e pela inquietude, está sentada sobre um banquinho perto da cama e remenda alguns farrapos usados.

Seus pequenos irmãos, meio deitados sobre a terra batida, estão tentando trançar uma corbeille. As paredes são nuas, alvejadas com cal. Em um canto, as folhas de samambaia amontoadas servem de leito aos garotos. Uma Nossa Senhora de madeira, recoberta por um trapo de pano outrora azul, algumas grosseiras imagens de santos, formam, com os móveis rústicos, os únicos ornamentos do aposento. Um penoso silêncio, apenas perturbado pela respiração oprimida da doente, reina na cabana. Os raios dourados, penetrando pela grande porta aberta, brincam no seio desta miséria.

Mas um ruído ligeiro se faz escutar do lado de fora. Dir-se-ia o roçar de um pano sobre a areia da vereda. As crianças se voltam e soltam exclamações alegres. Uma jovem está de pé no portal de entrada. É mesmo uma moça? Não seria, antes de tudo, uma criatura sobre-humana, uma aparição celeste? O sol, iluminando suas tranças louras, coroa sua fronte com uma espécie de auréola. Seu vestido branco, seu talhe esbelto, seus traços charmosos, a tornam semelhante às virginais pinturas de Rafaël Sanzio. Ela se adianta e, vendo-a, a visão emagrecida de Marta se ilumina de um pálido sorriso; as crianças a rodeiam. Ela se inclina em direção à enferma, sua mão branca e doce pressiona seus dedos ardentes, e lhe fazem ouvir palavras consoladoras e amigas. Uma senhora, curvada sob o peso de um enorme cesto entra por sua vez; coloca, estafada e calma, brevemente, sobre o baú de madeira, provisões de toda espécie, uma garrafa de vinho generoso, vestimentas, uma coberta. Esses objetos se acumulam sobre a mobília, acanhada demais para os receber.

Pelo ar afetuoso da moça, o desvelo com o qual foi acolhida, a festividade, advinha-se que essas visitas são freqüentes. A loura e graciosa jovem é a providência neste humilde aposento, como em todos aqueles do vale onde há aflições a consolar, prantos a

enxugar, sofrimentos a curar. É por isso que a chama a fada dos pobres.

Giovanna (Joana) Speranzi nasceu na vila dos Lentisques, da qual se percebe, do vale, os terraços embranquecidos.

Seus dezoito anos decorreram nesses lugares amados de sol e de flores. Diz-se que a alma está ligada, por secretas influências, às regiões em que ela habita, para que participe de sua graça ou de sua rudeza. Sob esse céu límpido, no melhor desta natureza serena, Giovanna cresceu e todas as harmonias físicas e morais se uniram para fazer dela uma maravilha de beleza, de perfeição. Ela é alta; sua pele é branca, sua cabeleira loura, espessa e sedosa, sua boca miúda guarnecida de dentes pequenos, brilhantes, seus olhos, de um azul profundo e doce. A sublimidade do rosto lhe dá um quê de nobreza, de ideal de pureza. Uma claridade parece envolvê-la. Malgrado a expressão de melancolia que lhe é habitual, Giovanna, na flor de suas dezoito primaveras, é uma das mais encantadoras moças do Milanais. Órfã aos treze anos, conservou da perda dos seus pais uma lembrança sempre viva. Tornou-se pensativa, recolhida, sua fronte contemplativa se pende freqüentemente em direção a terra onde dormem os mortos amados. Ardentes aspirações a levam às coisas do alto, a Deus, ao infinito. Não desdenha o mundo, entretanto, um tesouro de sensibilidade, de inefável caridade está contido em seu coração; toda pena, toda dor, aí despertam um eco. Por isso, consagra sua vida àqueles que choram. Ela não conhece nenhuma alegria mais doce, nenhuma tarefa mais cativante do que socorrer, consolar os infelizes.

Assim decorre sua juventude, entre uma tia enferma e uma velha ama de leite que vela por ela e a acompanha em suas visitas aos indigentes.

Um incidente, contudo, está por vir, que pode romper a uniformidade desta vida, lançando uma agitação na alma cândida de Giovanna. Um dia, em que segue a vereda bem conhecida que conduz à morada dos Menoni, nuvens negras se acumulam sobre o vale, grandes gotas de água caem com barulho entre as moitas de aveleiras, e os trovões, murmurando a cada golpe, enchem os desfiladeiros dos montes com seus estrepitosos estrondos. Apenas entra na cabana e a tempestade se desencadeia por trás dela com violência, curvando até a terra os cimos das árvores, cobrindo o horizonte com uma espessa cortina de chuva. A torrente, crescendo a olhos vistos, mistura a barulheira de suas águas aos clamores do temporal. Um jovem rapaz, vestido com roupa de caça, tendo na mão um fuzil, chega, correndo, ao casebre, e pede para aí se abrigar. Enquanto a tempestade castiga do lado de fora, ele pode examinar o lugar onde se encontra, com vagar. Vendo esse despojamento, o aspecto de Marta estendida sobre uma cama, sofrendo, ele parece se interessar por seu infortúnio e coloca algumas questões, discretas, às quais Joana responde baixando os olhos. A presença, a função desse anjo consolador entre esses infelizes, o toca. Ele pede para se associar a esta boa obra e conversa, mostrando-se determinado; a tempestade tinha passado havia já algum tempo e o sol tinha voltado a sorrir, mas ele não pensava ainda em deixar aquela morada para onde o acaso o havia conduzido. Finalmente se retira, mas para voltar freqüentemente. Não se passava mais que um dia sem que se o visse aparecer na hora habitual em que Giovanna visitava a pobre família. Permanecia até a sua partida, cobrindo-a de olhares, admirando sua graça virginal, sua requintada bondade pela enferma. Acabou mesmo por prolongar suas visitas por um bom tempo depois que ela já tinha se afastado, conversando com Léna sobre ela, incomodando-a com mil perguntas.

Ainda que, antes desse dia de tempestade, jamais tivesse franqueado o limiar dos Menoni, Maurice Ferrand não era certamente desconhecido deles. Quinze anos antes, um Francês,

exilado em seguida a eventos políticos, tinha vindo fixar-se no país. Ele havia comprado em Domaso, aldeia que beira o lago, perto de Gravedona, uma pequena habitação, situada sobre uma colina, de onde a vista abraça o imenso panorama das águas e dos montes, a Brianza, a Valteline, os grandes picos dos Alpes. O exilado trouxe com ele seu filho, jovem menino de oito a dez anos, cuja mãe tinha morrido na França. Maurice, percorrendo a região, seguindo os pequenos pastores sobre as rochas à procura de ninhos de pombas, ou os pesqueiros de trutas que exploram o leito das torrentes, bem depressa aprendeu a língua poética e sonora dos Manzoni e dos Alfiéri. Mas era preciso renunciar a essas alegres diversões, e um dia seu pai o acompanhou a Côme, onde pegaram a estrada de ferro para Milão. Chegados a esta grande cidade, o primeiro cuidado do exilado foi colocar o menino em uma das melhores instituições, depois do que, voltou a fechar-se no pavilhão onde vivia, só com seus livros e uma velha servente do país.

Maurice fez progressos rápidos. Sua viva inteligência e sua prodigiosa memória o serviram tão bem, que após alguns anos, nada mais tendo a aprender no estabelecimento onde havia sido colocado, devia prosseguir seus estudos na Universidade de Pávia. Ao mesmo tempo em que sua instrução se desenvolvia, seu caráter se desenhava, caráter singular, mistura de sentimentos generosos e duros. Maurice amava instintivamente a solidão; tinha poucos amigos. Os comportamentos brilhantes, expansivos dos Lombardos e dos Toscanos, no meio dos quais se encontrava, lhe desagradavam. Vivia à parte, o mais possível, consagrando seu lazer à leitura de poetas favoritos. Uma curiosidade profunda o levava, assim, para os estudos filosóficos. Em boa hora, é levado a procurar o porquê das coisas, querendo aprofundar esses misteriosos problemas que dominam toda a vida e que, semelhantes ao fluxo do mar, quando repelidos de nosso pensamento pela impotência, aí retornam mais imperiosos a cada vez.

O sentimento religioso tinha, de início, se manifestado nele por um vivo amor ao catolicismo. As pompas resplandecentes do culto italiano, a voz possante dos órgãos, os cantos, os perfumes, a magnificência dos edifícios, o « Dome » de Milão, maravilha da escultura, onde as estátuas de mármore se perfilam em legiões inumeráveis contra o azul do céu, todos esses esplendores do romanismo, preenchiam a alma de Maurice de uma emoção profunda. Mas, quando os sentidos ficaram habituados a essas pompas estrondosas, sua razão quis descer ao fundo dos dogmas, analisá-los, desfolhá-los ; quando, rasgado o véu brilhante e material que esconde, aos olhos do vulgo, a pobreza dos ensinamentos católicos, ele não vê senão uma moral embaciada pela casuística, os princípios do Cristo falseados, um Deus parcial e cruel, entronizado sobre um monte de superstições ; procura então uma crença esclarecida, capaz de satisfazer seu coração, sua razão, sua necessidade de fé e de justiça. Mergulha no estudo das diversas filosofias, desde a dos Gregos e dos Orientais até o moderno e dessecante positivismo. Desse colossal exame, se destaca para ele uma fé espiritualista, baseada no estudo da natureza e da consciência, encontrando na comunicação íntima da alma com Deus uma força moral que acreditava suficiente para manter um homem no caminho reto. Suspeitava que a existência presente não seria a única para nós, que a alma deveria se elevar pelas vidas sucessivas e sempre renascentes, de mundos em mundos, rumo à perfeição.

II

Era, sobretudo por ocasião das viagens, muito curtas para seu gosto, que Maurice fazia à morada paterna e durante as excursões que se seguiam, que seu pensamento, estimulado pela poesia da natureza, se elevava para Deus em um impulso rápido e seguro. Ele gostava então de perambular nos desfiladeiros selvagens dos

montes, de percorrer os lugares apartados onde ressoavam o murmúrio perpétuo das torrentes e das cascatas, as florestas de pinheiros, de faias, de larices que cobrem com suas sombrias cúpulas os declives dos Alpes.

Os sopros de vento, esfregando a galharia, lançando na profundeza dos bosques suas notas queixosas e harmoniosas, semelhantes à ação de um órgão invisível, o murmúrio das águas esguichantes, o canto dos passarinhos, até o barulho longínquo do machado batendo os troncos sonoros, todas essas vozes da solidão embalam seu espírito, lhe falando uma linguagem de paz. Sobre os cumes banhados de luz, sob as abóbadas verdejantes, sua prece subia para Deus de uma forma mais pura e ardente que nos templos invadidos pela multidão. No seio dos bosques cheirosos, retiros sombrios e escondidos o convidavam ao repouso. E os milhares de ruídos desta natureza alpestre formavam para ele uma melodia deliciosa na qual se inebriava a ponto de olvidar as horas e de deixar passar o momento de retorno.

Ele precisou, todavia, se desarraigar dessas festas dos olhos e do coração e retomar o curso dos estudos interrompidos. Maurice passou em seus exames com sucesso. Hesitando em seguida entre as diversas carreiras que se lhe abriam, a convite de seu pai, fez Direito, recebeu o título de advogado e começou a exercer a profissão no fórum de Milão. Sua eloqüência ousada, exercitada, sua viva imaginação, o estudo aprofundado das causas a ele confiadas, o fizeram logo se distinguir no mundo dos tribunais; um brilhante porvir sorria à sua ambição se tivesse querido curvar sua consciência às sutilezas da trapaça e da política, fazendo-se um satélite dos poderosos. Mas esta alma elevada e altiva não podia se rebaixar a uma tal função. As intrigas, as torpezas dos tribunais e dos salões a enchiam de amargura. O espetáculo de um mundo ocioso, corrompido, ostentando com estrépito sua riqueza e seus títulos, a cupidez, o egoísmo, tomando de assalto a sociedade e a dominando; a probidade cambaleante; a especulação

desenfreada humilhando o trabalho regenerador; todas essas úlceras de nossa época de decadência moral se mostravam em sua hediondez aos olhos do jovem e lhe levaram a desprezar a vida, a se desligar mais e mais das coisas terrestres. Na taça dos prazeres, tendo querido temperar seus lábios, ele não havia encontrado senão fel ; o amor tarifado, a orgia brutal, o jogo estupefaciente, foram para ele outros tantos monstros que o fizeram recuar de horror.

Com tais gostos, uma disposição natural à meditação, o amor pela solidão, viu desatar-se pouco a pouco todas as suas relações. Aqueles que primeiramente o haviam acolhido, repelidos por essa rigidez, por essa misantropia que se exalava em termos amargos, pela ausência da benevolência tão necessária ao sábio, se afastaram de Maurice e o deixaram a seus sonhos. A vida se desfez em torno dele. Um desgosto profundo apoderou-se do jovem advogado. Ele recusava as causas maléficas ou duvidosas que lhe eram ofertadas e viu assim se reduzir o número de seus clientes. Suas brilhantes faculdades permaneceram sem emprego.

Um morno abatimento o invadia, quando de Domaso lhe chegou a notícia de que seu pai, gravemente doente, pedia sua presença perto dele. Maurice partiu imediatamente.

O exilado, devorado pela nostalgia, por esse amor da terra natal, sentia uma necessidade da pátria que nada podia substituir, lutava em vão contra um mal sem remédio. Logo morreu entre os braços de seu filho. Esta morte estendeu uma sombra ainda mais espessa sobre a fronte de Maurice; sua tristeza, sua melancolia naturais aumentaram. Renunciou ao fórum e se instalou na pequena casa solitária que lhe havia legado o defunto. Seu tempo foi repartido entre as leituras e as excursões. Freqüentemente, desde a manhã, pegava seu fuzil e, sob o pretexto de caçar, percorria a região em todos os sentidos, indo à aventura, descuidado dos caminhos. A caça podia impunemente passar perto

dele. Mergulhado em intermináveis desvarios, não pensava muito em perseguí-la. Sentava-se por vezes sobre qualquer ponto rochoso dominando o lago, para observar o movimento dos barcos deslizando sob os esforços dos remadores, as águias descrevendo círculos imensos no céu, as lentas gradações da luz durante as horas do entardecer e, assim, apenas quando a noite começava a estender seu véu sobre a terra. é que ele pensava em voltar à sua morada.

Foi durante um desses cursos que, surpreendido pela tempestade, ele se refugiou entre os Menoni e aí encontrou Giovanna. Desde esse dia, sua vida mudou.

A visão desta moça o reaqueceu subitamente. Um alegre raio de sol penetra a obscuridade de sua alma; uma voz desconhecida canta em seu coração. Primeiro não se dá conta do sentimento novo que nasce nele. Uma força magnética o levava para a mocinha e ele a obedecia instintivamente. Quando ela estava lá, diante dele, de tudo esquecia, observando-a, escutando-a. O timbre de sua voz, ritmado, despertava no seu ser ecos de uma doçura infinita. Via nela mais que uma moça da terra, mais que uma criatura humana, como que uma aparição passageira, reflexo misterioso de um outro mundo, um tesouro de beleza, de pureza, de caridade, ao qual Deus emprestava uma forma sensível a fim que, em vendo-a, os homens pudessem compreender as perfeições celestes e a isso aspirar. A presença de Giovanna o arrancava à sua misantropia. Fazia surgir nele uma onda de pensamentos benfazejos, generosos, um ardente desejo de ser bom e de consolar. Seu exemplo o convidava ao bem ; sentia a vida, a inutilidade de sua vida e compreendia enfim que tinha melhor a fazer aqui em baixo do que fugir dos homens e se fechar numa indiferença egoísta. Interessava-se pelas dores dos outros; pensava mais freqüentemente nos pequenos, nos deserdados desse mundo, em todos os que estão oprimidos pela adversidade; procurava avidamente os meios de lhes ser útil.

Durante suas conversas, ainda que se falando pouco, trocavam milhares de pensamentos. A alma tem meios de se exprimir, de se comunicar com o exterior, que a ciência humana não pode definir, nem analisar. Uma atmosfera fluídica, em correlação íntima com seu estado moral, envolve todos os seres e, seguindo sua natureza, simpática ou contrária, se atraem, se repelem, se expandem ou se fecham, e é assim que se explicam as impressões, que a simples vista de pessoas desconhecidas nos fazem experimentar.

Os dias se escoam. Graças ao socorro de Joana, graças aos cuidados do médico de Gravedona, ao qual Maurice pagava as visitas, Marta tinha recuperado sua saúde. No dia que pode sair, uma agradável surpresa a esperava lá fora. O jardim, invadido há pouco tempo pelas ervas e silvas emaranhadas, estava renovado, limpo e gracioso. O outono tinha suspendido nas árvores guirlandas de ouro e de esmeralda. Pereiras, figueiras, abricoteiros, dobravam sob o peso de seus frutos. Longos cachos de uvas vermelhas pendiam entre os ramos das amoreiras; opulentos legumes cobriam os canteiros. Um hábil jardineiro, enviado por Maurice havia podado as árvores, cuidado da vinha, operado esta transformação. Tinha feito desse recanto desolado um maravilhoso pomar. O inverno podia vir. A vida da pobre família estava assegurada.

III

Sobre uma das colinas que bordejam o lago, a alguma distância de Gravedona, se estende uma cortina de teixos e de ciprestes. Sua sombra verdejante aparece de longe, misturada de manchas de brilhante brancura. Lages funerárias, cruzes de madeira ou de pedra erguem-se entre os verdes ramos. É o

Campo-Santo (o cemitério), o lugar onde vêem se solucionar a cadeia infinita das dores humanas. Uma flor brilhante desabrocha entre as tumbas e esparge no ar agradáveis fragrâncias. A luz jorra, e os pássaros cantam sobre as pedras sepulcrais. Com efeito, que importa à natureza que tantas esperanças e alegrias aí estejam sepultadas aos olhos dos humanos? Por isso, não deixaria de seguir os ciclos de suas maravilhosas transformações.

Não longe da entrada do cemitério, uma grande laje de mármore está cercada de roseiras, de jasmins, de cravos rubros, entre os quais zumbem os insetos. Uma acácia a cobre com sua sombra. Lá dormem, embalados pelos ecos longínquos, pelos murmúrios enfraquecidos da vida, os pais de Giovanna, e é sua piedosa mão que mantém essas flores. Várias vezes por semana, ela desce para orar na Igreja de Gravedona, e de lá, seguida de sua ama de leite, ganha o campo fúnebre onde moram os despojos dos seus; lá também repousa o corpo do pai de Maurice, e este, em seu taciturno tédio, gosta de percorrer essas aléias silenciosas, retemperando seu espírito na grande calma da cidade dos mortos. Um dia, os dois jovens aí se encontraram, Giovanna, ajoelhada, a cabeça pendida sobre a tumba de sua mãe, parecia conversar em voz baixa com ela; via-se seus lábios moverem. Que dizia à morta ? Que misteriosa troca de pensamentos se operava entre essas duas almas? Maurice não sabia, mas receando perturbar seu recolhimento, se mantinha à parte, imóvel, atento. Em se levantando, Giovanna o percebe, e sua face se enrubesce. Mas ele, todo feliz deste reencontro, se aproxima e a cumprimenta.

- Senhorinha, disse, vejo que um mesmo motivo nos conduz a esse lugar. É doce, não é, nos revermos próximo daqueles que perdemos, experimentando que sua lembrança está sempre gravada em nossos corações?

- Sim, respondeu ela, e no cumprimento desse dever se é possuído de forças novas, se é fortalecido no bem. Cada vez que venho aqui, saio mais calma, mais submissa à vontade de Deus.

- Sente você também isso que experimento próximo dos mortos? Desde que me aproximo da tumba de meu pai, parece que uma comunicação íntima se estabelece entre eu e ele. No fundo de meu ser uma conversação se estabelece. Creio escutar sua voz, lhe falo e ele me responde. Mas talvez isso não seja mais que uma ilusão vã, um efeito de nossa emoção?

Ela eleva para ele seus olhos que brilham de um fogo profundo e doce.

- Não, isso não é uma ilusão, disse, também escuto essas vozes interiores. Tenho aprendido desde muito tempo a compreendê-las. E não é somente aqui que se fazem escutar, em qualquer lugar que esteja, se chamo pelo pensamento meus queridos invisíveis, eles vêem, me aconselham, me encorajam, guiam meus passos na vida; a tumba não é uma prisão, todos, ao mais, podem considerá-la como uma espécie de altar de recordações. Não creio que as almas aí estejam encantadas.

- As almas dos mortos voltam então para a Terra?

- Pode-se disso duvidar? Disse a moça. Como, aqueles que nos amaram aqui em baixo se desinteressariam de nós no espaço? Liberadas dos laços da matéria, não estão elas mais livres, e a lembrança do passado não as reconduziriam para nós? Sim, certamente, retornam, se associam às nossas alegrias, às nossas dores. Se Deus o permitisse, nós os veríamos freqüentemente ao nosso lado, regozijando-se com nossas boas ações, entristecendo-se com nossas faltas.

- Todavia você é uma católica fervente, ora, o catolicismo não ensina que na morte a alma é julgada e, segundo o decreto divino, eternamente fixada ao lugar do castigo ou à morada dos bem aventurados ?

- Adoro Deus, obedeço de meu melhor à sua lei, mas esta lei é uma lei de amor e não uma lei de rigor. Deus é muito bom e muito justo para punir eternamente. Conhecendo as fraquezas do homem, como poderia se mostrar tão severo para com ele?

- Qual será então, segundo você, a sanção do bem e como se consumiria a justiça divina?

- A alma, deixando a Terra, vê descerrar-se o véu material que lhe fazia esquecer sua origem, seus destinos. Compreende então a ordem do mundo; vê o Bem reinar acima de tudo. Segundo sua vida tenha sido boa ou má, estéril ou fecunda, conforme ou contrária à lei do progresso, goza uma paz deliciosa ou sofre um cruel remorso, até que retome a tarefa inacabada.

- E como é isso?

- Retornando para esta terra de provas e de dores, trabalhando por seu adiantamento, ajudando suas irmãs na sua marcha comum para Deus.

- Você pensa então que a alma deve cumprir várias existências aqui em baixo?

- Sim, eu o sinto, uma existência não pode ser suficiente para nos permitir atingir a perfeição; e como, sem isso, explicar que as crianças de Deus sejam tão dessemelhantes de caráter, de valor moral, de inteligência?

- Permita de me espantar que na idade em que tantas jovens são divertidas e risonhas e você seja tão séria, tão reflexiva, tão esclarecida das coisas do alto.

- É sem dúvida porque tenho vivido mais do que aquelas de quem você fala.

- Creio, como você, que a existência atual não é a primeira que cumprimos, mas, por que a lembrança do passado está apagada em nossa memória?

- Porque os barulhos e as ocupações da vida material nos desviam da observação interior de nós mesmos. Muitas reminiscências de minhas vidas, vez por outra, me vêem ao espírito. Creio que muitas pessoas poderiam reconstituir suas existências passadas analisando seus gostos, seus sentimentos.

- A amizade ou a repugnância instintiva que sentimos, à primeira vista, por certas pessoas, não teria sua fonte nesse obscuro passado?

-Sim, sem dúvida, mas devemos resistir a esses sentimentos de repugnância. Todos os seres são nossos irmãos e nós lhes devemos a nossa afeição.

- Assim, este impulso irresistível, que me leva para você desde o primeiro dia que a vi, esta força que não faz senão crescer depois de nosso encontro na casa de Marta, e que me faz procurá-la por toda parte, seria uma prova de que nós já teríamos nos reencontrado e conhecido sobre a terra.

A moça sorriu e corou.

- Querida donzela, continua Maurice em um tom grave e emocionado, devo lhe dizer, nossos pensamentos se unem em uma

concordância singular. Reencontro em você todas as minhas idéias; mas essas idéias, confusas em meu espírito, crescem e se aclaram passando por sua boca. A solidão e a reflexão têm feito de você um anjo de bondade, de doçura; a mim, me tinha azedado, tornado indiferente aos sofrimentos humanos. Mas no dia em que a vi, na hora compreendi onde estava o bem, o dever. Minha vida recebeu uma impulsão nova. É a você que devo esta revelação. Vendo-a, escutando-a, um véu se descerrou, um mundo infinito de sonhos, de imagens, de aspirações, se mostrou aos meus olhos. Assim, sua presença se tornou uma necessidade para mim, uma alegria profunda. Permita-me esperar que possamos nos rever freqüentemente.

Um ruído de passos e de vozes o impede de continuar, vindo, à propósito, esconder a pertubação de Giovanna. Um comboio mortuário se aproxima ; uma salmódia lúgubre se prepara no ar. A jovem moça chama sua ama de leite, mas, antes de se afastar, faz um sinal amigo à Maurice e lança essas palavras : até logo !

O jovem a seguiu, com o olhar, até que sua veste branca tivesse desaparecido no ângulo da aléia.

A admiração que havia despertado no espírito de Maurice, no seu primeiro encontro com Giovanna, ia crescendo à medida que aprendia a conhecê-la melhor. Mas, pouco a pouco, esta impressão estava mudando em um sentimento todo novo. Após cada uma de suas conversas na casa de Marta, ele se sentia, como havia dito, melhor, mais inclinado para o bem, mais doce para com seus semelhantes. O poder misterioso que irradiava em torno da jovem o envolvia, fazia fundir o que tinha de duro, de glacial em sua alma. Uma força atrativa, invencível, o atraia para ela. Uma espécie de embriaguez subia em seu cérebro assim que escutava o som de sua voz. Maurice amava. Amava com o ardor juvenil, com o entusiasmo de um coração que fala pela primeira vez. Cada dia descobria em Giovanna uma perfeição nova. Todos aqueles que a

conheciam, todos esses humildes habitantes do vale que ela havia socorrido, não celebravam suas virtudes? E como, malgrado sua doçura e sua modéstia, se mostrava superior à todas as moças de sua idade ! Maurice havia vivido próximo às moças da grande cidade lombarda, ele conhecia as alegres meninas de Côme e das margens do lago. Em nenhuma parte, havia encontrado uma igual. Havia vivido a vaidade, o desejo de brilhar, de reinar entre a maior parte delas. Sem dúvida, havia aí sedutoras pessoas, jovens capazes de tornar um esposo feliz, entre as que havia encontrado; nenhuma possuía esta simplicidade unida a esse ar nobre e doce, esse não sei o quê de sobre-humano, esta chama quase divina que se refletia nos olhos de Giovanna, ganhando os corações, afastando daqueles que dela aproximavam todo pensamento baixo ou impuro. Não era isso uma coisa maravilhosa, o escutá-la, aos dezoito anos, falar com tanta convicção das grandes leis ignoradas pelo homem, perceber os sombrios mistérios da vida e da morte, reconfortar os indecisos, mostrar a todos o dever ? Eis o que se dizia Maurice, após a conversa do cemitério, com a imagem de Giovanna preenchendo seu espírito. Repassava na sua memória todos os incidentes que o haviam aproximado dela. Revia-a tal qual lhe tinha aparecido, num dia de festa, na Igreja de Gravedona, absorta na sua prece, enquanto que ao redor tudo era barulho, movimento de caixas removidas, esfregação de panos sobre as lages. E de tudo isso: recordações, pensamentos, secretas esperanças, se liberava um sonho delicioso, um sonho de amor e de felicidade, que acariciava silenciosamente no fundo de sua alma.

IV

Maurice, em suas caminhadas vagabundas, havia reencontrado várias vezes Luisa, a velha ama de leite. Tendo sabido conquistar sua amizade, adquiriu a certeza de que seria bem acolhido na vila Esperança, e ali se apresentou um dia.

Aquele que encontrasse o advogado misantropo teria podido perceber, com surpresa, a emoção que ele sentia. O que planejava iria destruir ou realizar suas esperanças? Ele foi fortemente bem recebido pela tia de Giovanna que, enfraquecida pela idade e pela doença, sentia chegado o momento de dar um suporte natural, um esposo, à sua sobrinha. Ela autorizou Maurice à renovar suas visitas, o que ele fez freqüentemente. Começaram então, para os jovens, as prolongadas conversas, as conversas familiares, sobre o terraço dominando o lago, durante as quais suas almas se expandiam em mútuas confidências. Maurice contava sua vida, sua triste vida de criança privada da mãe, depois as decepções, os receios de sua juventude. Abria, como se o rasgasse, seu coração a Giovanna. Ela o consolava, lhe confiava seus sonhos, sonhos ainda cândidos, ainda puros como os de um anjo. E esses dois seres, se aproximando mais e mais, aprendiam à se amar, mil laços secretos se formavam, os enlaçavam, os uniam em estreitas e poderosas malhas.

O dia em que, segundo os costumes da alta Itália, o noivado devia ser celebrado, foi logo fixado, e tudo foi preparado para esta festa íntima, na qual dois ou três velhos amigos deviam tomar parte. A véspera desse dia, Maurice sobe ainda cedo à vila. Após a refeição da noite, os dois se dirigem para o terraço, de onde seus olhares podiam se estender sobre um mágico horizonte. Sentam-se em silêncio sob um bosque de laranjeiras. Luisa se mantinha um pouco afastada.

A noite avança lentamente; estende sobre o lago seu véu azulado, derramando um colorido uniforme sobre os campos de oliveiras, as vinhas, os bosques de castanheiras, as vilas e as aldeias. Enquanto que a sombra se espessava nos vales, os cumes das colinas, avermelhados pela púrpura do poente, semelhava-se bastante ao fogo de um incêndio. A noite subia pouco a pouco; suas sombras arrastadas se estendiam sobre as cristas; as luzes inumeráveis resplendiam nas janelas das vilas e das cabanas. As

trevas envolviam inteiramente o lago e seu quadro de montanhas, mas, para o Norte, as luzes do dia morrendo coloriam ainda de cores fantásticas o colosso dos Alpes. Como uma armada de gigantes dispostos em batalha, a Bernina, a Sella, o Monte-d'Oro, a Disgrazia, e vinte outros picos, apontavam para o céu seus cimos orgulhosos, coroados de neve, sobre os quais o sol, antes de desaparecer no ocidente, lançava seus raios fracionados.

Em vão, a noite procurava apagá-los, eles lutavam com ela. Mas seu véu passa enfim sobre essas frontes soberbas. As últimas luminosidades se extinguiram. A noite triunfava; só, iria reinar até a aurora.

Nesse momento, um concerto argentino se eleva nos ares. Em todas as aldeias, os sinos tilintavam. Era o Ângelus, a prece do entardecer, o sinal que evoca entre todos, os pescadores do lago, os lenhadores da floresta, os pastores da montanha, o pensamento de Deus. Giovanna e Maurice, sonhadores, recolhidos, observavam esse majestoso espetáculo; escutavam o som melancólico dos sinos, seguiam com o olhar as belas estrelas de ouro emergindo das profundezas do céu para subir lentamente, em legiões cerradas, para o zênite. A poesia dessa noite preenchia suas almas; suas bocas estavam mudas, mas seus corações se confundiam num enlevo profundo. Maurice rompeu o silêncio primeiro.

- Giovanna, disse ele, você pensa, às vezes, nessas esferas luminosas que se movem no espaço? Já se perguntou se são, como nossa terra, mundos de sofrimento, habitados por seres materiais e atrasados, ou se almas mais perfeitas aí vivem no amor, na felicidade?

- Bem às vezes, respondeu ela, tenho visitado esses mundos. Protetores, amigos invisíveis, me levam quase todas as noites para essas regiões celestes. Com dificuldade tenho visto, que um grupo

de espíritos, de longas vestes flutuantes, de fronte brilhante, me cercam, me chamam. Vejo minha própria alma que, semelhante à deles, se libera de meu corpo e os segue. Rápido como o pensamento, atravessamos os espaços imensos, povoados de uma multidão de espíritos; por toda parte oceanos de vida desdobram suas perspectivas sem limites. Por toda parte retinem os cantos harmoniosos, de uma suavidade desconhecida na Terra. Percorremos esses arquipélagos estelares, essas esferas longínquas, bem diferentes de nosso globo. Em lugar de uma matéria compacta e pesada, muitos dentre eles são formados de fluidos leves, de brilhantes cores. Enquanto que os hóspedes da terra se arrastam penosamente na superfície do planeta, os habitantes desses mundos, de corpos sutis, aéreos, se elevam facilmente, planam no espaço ambiente. Eles agem sobre esses fluidos leves e coloridos que compõem o centro de suas esferas; lhes dão mil formas, mil aspectos diversos.

Assim são os palácios admiráveis, colônias deslumbrantes, com inumeráveis pórticos, templos com abóbadas gigantescas, ornados de estátuas, de pilastras de gás, e cujas muralhas transparentes permitem entrever seu interior. De todas as partes se erguem construções prodigiosas, abrigos da ciência e das artes, bibliotecas, museus, escolas, exposições, sempre invadidas pelas multidões. O ensinamento aí é dado sob a forma de quadros luminosos e cambiantes. A linguagem é uma espécie de música.

Quais são as necessidades corporais dos habitantes desses mundos?

São quase nulas. Não conhecem nem o frio, nem a fome, quase nada da fadiga. Sua existência é bem simplificada. Empregam-na na instrução, no estudo do universo, de suas leis físicas e morais. Prestam a Deus um culto magnífico, e desenvolvem em sua honra os esplendores de uma arte desconhecida aqui. Mas a prática das virtudes é, sobretudo, seu

objetivo. A miséria, as doenças, as paixões, a guerra, são quase ignoradas sobre esses mundos. São moradas de paz, de felicidade, dos quais não saberíamos fazer nenhuma idéia em nosso globo de lutas e de lágrimas.

É então para lá que se transportam os homens virtuosos que deixam a terra?

Há muitos degraus a transpor antes de obter a entrada desses mundos. Esses são os últimos degraus da vida material, e os seres que os povoam, diáfanos e leves para nós, são ainda grosseiros e pesados comparados aos puros Espíritos. Quanto à nossa terra, ela não é senão um mundo inferior. É, após aí haver vivido um número de existências suficientes para perfazer sua educação e seu adiantamento moral, que o Espírito a deixa para abordar esferas mais e mais elevadas, e revestir um corpo menos material, menos sujeito aos males e às necessidades de toda sorte. Após um número incalculável de vidas, sempre mais longas ao mesmo tempo em que mais doces, crescendo em ciência e em sabedoria, esclarecendo-se, progredindo sem cessar, a alma abandona enfim as moradas corporais e vai perseguir no infinito o curso de sua eterna ascensão. Suas faculdades se ampliam, uma fonte inesgotável de caridade, de amor flui nela; compreende as leis superiores, conhece o universo, entrevê Deus. Mas pobre de mim! Como estão longe de nós suas beatitudes, suas alegrias inefáveis! É preciso nos elevar para essas alturas sublimes; Deus nos tem dado os meios. Ele tem querido que sejamos os artesãos de nossa felicidade. A lei do progresso não está escrita em nossa consciência? Não recuemos então diante das lutas, dos sacrifícios, de tudo que purifica, eleva, enobrece. Oh! Se os homens quisessem saber! Se eles se dignassem a procurar o verdadeiro propósito da vida! Que horizontes se abririam ante eles! Como os bens materiais, esses bens efêmeros, lhes pareceriam miseráveis, como os rejeitariam para se ligar ao bem moral, à virtude, que a

morte não pode tomar e que, sozinhos, nos abrem o acesso às regiões bem aventuradas.

Assim se escoavam as horas. Maurice se inebriava das palavras da jovem moça, porque elas lhe ensinavam coisas que haviam sido sempre ignoradas em seus livros. Era para ele como uma linguagem seráfica, revelando os mistérios do além-túmulo e, com efeito, Giovanna, médium inspirada, era, sem o saber, o eco de uma voz sobre-humana que retinia nas profundezas de seu ser.

Quase todo dia, passeavam assim, conversando através os bosquezinhos perfumados, reaquecidos pelos raios do sol da Itália, acariciados pelo vento, sob o azul profundo do céu. Algumas vezes, subiam em um barco com Luisa e se deixavam deslizar docemente ao sabor das correntes do lago. Pouco a pouco os barulhos enfraquecidos da margem vinham morrer em torno deles. Bem alto, no ar límpido, grandes aves de rapina voavam em giros; peixes prateados saltavam na água transparente. Tudo então os convidava ao devaneio, aos doces desabafos do coração. Mas, reconduzidos por uma força oculta para os assuntos sérios, Giovanna falava de preferência da vida futura, das leis divinas, dos progressos infinitos da alma, de sua depuração pelas provas e sofrimentos.

- A dor, dizia, tão temida, tão mal conhecida aqui em baixo, é, na realidade, o ensinamento por excelência, a grande escola onde se aprende as verdades eternas. Ela somente habitua o ser a se desapegar dos bens puerís, das coisas terrestres, a apreciar o nada. Sem as provas, o orgulho e o egoísmo, esses flagelos da alma, não teriam nenhum freio. É sua função amolecer os Espíritos rebeldes, os constranger à paciência, à obediência, à submissão. O sofrimento é o grande cadinho da purificação. Como os grãos na joeira, sempre daí se sai melhor. É preciso ter sofrido para compadecer-se com os sofrimentos dos outros. A aflição nos torna mais sensíveis, nos inspira mais piedade pelos infelizes. Se

os homens fossem esclarecidos, bendiriam a dor como o mais possante agente de progresso, de crescimento, de elevação. Por ela, a razão se fortifica, o julgamento se afirma, as enfermidades do coração desaparecem. Mais alto que os bens terrestres, mais alto que o prazer, mais alto que a glória, ela mostra à alma aflita, a grande figura do dever se erguendo, imponente, augusto, iluminado pelas claridades do fogo que não se extingue.

Essas revelações, esta voz encantadora, esses acentos eloqüentes, inspirados, preenchiam Maurice de espanto e de admiração.

- Giovanna, dizia, fale ainda, fale sempre, querida, o vivo eco de minhas esperanças, de minha fé, de minha paixão pelo justo e o verdadeiro. Fale! Sou tão feliz de escutá-la, de contemplá-la. E, todavia, me surpreende por vezes o receio de que nossa felicidade se esvaneça de repente. Nossa felicidade não tem nada de humano. Parece-me que o vento áspero da vida vai soprar sobre nosso sonho de amor ; uma voz secreta me diz que um perigo nos ameaça.

Em vão a jovem moça procurou seguir seus receios. A aproximação de eventos dolorosos nos preenche de uma apreensão vaga. A alma pressente o porvir? Este é um problema em suspenso, acima de nossa inteligência e que nós não podemos resolver.

Assim como Giovanna havia dito, quem pode prever o dia de amanhã aqui em baixo ?

Alegrias, riquezas, honras, amores insensatos, afeições austeras, tudo passa, tudo escapa entre as mãos do homem como uma areia sutil. As horas amargas e desoladas da vida podem tocar de perto as horas de felicidade e de paz; mas é raro, quando as primeiras se aproximam, que não sejamos atingidos por um

sombrio prognóstico. Assim estava Maurice. Esta conversa sobre a dor, pensava, não seria como um presságio, uma advertência do alto? Uma pressão penosa lhe apertava o coração quando se separava de Giovanna.

A noite se escoava longa e sem sono. Mas as primeiras claridades da alvorada afastaram suas impressões e quando retornou para perto de sua bem-amada, vendo-a plena de graça, de jovialidade, de vida, embelezada pelo noivado, seus últimos receios se esvaneceram como um nevoeiro matinal sob os raios do sol de Agosto.

V

Giovanna e Maurice haviam trocado os anéis benzidos pelo padre ; a época de sua união estava fixada. Os dias passaram para eles rápidos, entregues à sua felicidade. Eles ignoravam que um espantoso flagelo avançava, que sua devastação havia despovoado as planícies lombardas e que o ar puro das montanhas seria impotente para o deter. Que lhes importava com efeito as novidades de fora, os barulhos do mundo. O mundo para eles se resumia em um só ser, o ser amado ! Seu pensamento, não visitava mais do que as regiões supraterrestres.

Não sonhavam senão com seu amor, com a vida que se abria diante deles tão bela, tão rica de promessas. Mas a Vontade Suprema iria reverter todas essas esperanças. Após haver entrevisto uma felicidade ideal, Maurice devia retomar a sombria e desesperante realidade.

Um violento tifo se abatia sobre as margens do lago e Gravedona e o vale de Domaso foram sucessivamente atingidos. Alguns dias tinham penosamente escoado e já muitas das moradas

estavam vazias. A fumaça azulada não se elevava mais acima dos telhados. O silêncio, esse silêncio cruel da morte ou da perda, substituía o barulho do trabalho e das canções; grandes cruzes brancas apareciam sobre as portas das cabanas desertas. A foice da morte ceifava muitas existências entre essas famílias de pescadores e artesãos, mal vestidos, mal nutridos, de higiene duvidosa que ofereciam uma presa fácil ao flagelo. Durante quase todo o dia o sino da igreja tocava o dobre fúnebre e numerosos cortejos se encaminhavam para o campo-santo.

A epidemia não poupou os Menoni. Marta foi atingida primeiro, depois sua menina tombou doente por sua vez. Todas as famílias, todas as moradas atingidas pelo flagelo foram abandonadas. Os médicos eram pouco numerosos. Nenhum cuidado em atender os parentes, os amigos ; o isolamento, o sofrimento e a morte, eis o que podiam esperar aqueles que fossem contagiados. As lamúrias que ressoavam de todas as partes, a desolação geral, arrancaram Giovanna de sua quietude, de sua felicidade. A voz imperiosa do dever se elevava nela e dominava a voz do amor. Desdenhando do perigo, surda às súplicas de Maurice, partilhava doravante seu tempo entre os infelizes abandonados. Seu noivo, não podendo desviá-la do risco, imita seu exemplo. Giovanna passa um mês inteiro na cabeceira dos moribundos ; vários expiram sob seus olhos. Marta e sua menina morreram malgrado os seus cuidados. Até os derradeiros momentos ela os assistiu, suportando com uma calma aparente o espetáculo de suas convulsões, respirando o sopro envenenado que exalavam de seus lábios. Tanta fadiga e emoções acabaram com a jovem moça. Uma tarde em que, extenuada, retornava da vila com Maurice, teria caído no solo, desmaiada, se seu noivo não a tivesse recolhido em seus braços.

Ela retornou para casa e se acamou, e os assustadores sintomas se manifestaram em seguida. Um círculo de fogo apertava suas têmporas; zumbidos insólitos faziam barulhos em

seus ouvidos; os calafrios a tomaram, uma cor arroxeada se estendeu em torno de seus olhos. O mal fazia rápidos progressos; a vida de Giovanna fundia como uma cera mole sob o sopro do flagelo. A partir do dia seguinte, a sombra da morte flutuava sobre sua face. Maurice, pálido, desesperado, permanecia o tempo todo perto dela, apertando suas mãos geladas. Aproximando seus lábios de sua boca descolorada, pedia à Deus lhe permitisse aspirar a morte em um beijo.

Giovanna respondia docemente ao seu abraço. Seus olhos, já brilhantes das luzes do lado de lá, se fixavam sobre ele com uma expressão de calma, de doçura serena. Mesmo nesse momento solene, malgrado o sofrimento que despedaçava seus membros, um sorriso resignado aclarava sua face. À tarde, a agonia começou. Giovanna agitava-se convulsivamente, debatia-se sob uma opressão dolorosa, implorando a Deus aos gritos. A essas crises terríveis sucedia um abatimento profundo, uma imobilidade semelhante à morte. Somente, os lábios da jovem menina mexiam. Parecia conversar com seres invisíveis. Por vezes também, se a escutava murmurar o nome de Maurice. Um ligeiro cerramento da mão, um último estremecimento, e Giovanna expira. A alma desse anjo retornava para Ele que a havia criado.

Maurice, esmagado pela dor, estava como um homem ébrio. Suas lágrimas, não podendo sair, recaiam sobre seu coração e o afogava em ondas de um cruel desespero. A noite veio, colocou-se velas acesas próximo ao leito ; um crucifixo repousava sobre a peito da morta cujos cabelos louros esparsos formavam uma coroa de ouro em torno de sua cabeça pálida. Soluços meio comprimidos se elevaram dos cantos da sala. A tia, a velha ama de leite de Giovanna, algumas pobres pessoas a quem a morta havia socorrido, oravam e choravam. Maurice se aproxima da janela toda aberta. Ironia da natureza! O disco brilhante da lua aclarava planícies e montes; aromas balsâmicos flutuavam no ar; a torrente, correndo sobre as pedras, fazia ouvir seu alegre murmúrio ao qual

respondia o rouxinol pousado sobre os altos galhos. No seio da noite tépida e perfumada, tudo eram luzes e cantos, tudo celebrava a felicidade de viver, e lá, sobre seu virginal leito, a doce criança dormia já o eterno sono. Assim pensava Maurice ; mil idéias sombrias, tumultuadas, cresciam no seu cérebro como um vento de tempestade.

Qual é então o Deus cruel que brinca assim com nosso coração! Haver-lhe mostrado a felicidade, haver-lhe feito a tocar para logo a furtar. Esses sonhos dourados, esses sonhos formados a dois, estariam para sempre desvanecidos! Esse cadáver que pernoitava ali era tudo o que restava de Giovanna?

Não a veria mais, não ouviria mais sua voz, não veria mais nos seus olhos aqueles clarões de ternura que o inebriavam, que o reaqueciam deliciosamente. Mais algumas horas e não teria mais nada dela, nada senão a lembrança, uma lembrança dilacerada, penetrante como uma espada na alma ulcerada. Não mais as caminhadas a dois no vale, não mais os passeios sobre o lago, na brilhante luminosidade do dia, não mais as conversas sobre o terraço na suave claridade das noites. Ele era triste, deprimido, até que a conheceu; como um raio, seu olhar havia clareado sua vida, e eis que, subitamente, tudo se extinguia. Estava acabado agora; sua vida tinha se encerrado; não mais os sonhos alegres, não mais a esperança, agora o vazio, a solidão terrível, as trevas se formariam ao redor dele. Como seu coração batia a golpes precipitados no seu peito, como sua cabeça queimava! Um peso esmagador lhe fazia curvar a fronte, mergulhando-a em seus joelhos. E chamava a morte, desejava-a ardentemente. - «Vem, dizia, leve-me com ela, envolva-nos no mesmo sudário, deite-nos na mesma cova; que a mesma pedra nos cubra ! » Mas não, ela estava morta e ele lhe falava, vivo. Que abismo se abria sob seus passos! E a revolta esmagava esta alma contra o implacável destino.

Evocando as lembranças de sua vida, depois seus tristes anos de infância, Maurice via passar como um turbilhão as ilusões dissipadas, as alegrias tão curtas, tão vazias, evanescentes, as felicidades efêmeras de sua juventude. Todas as sombras, todas as preocupações do passado, subiam como uma onda amarga do fundo de sua memória, submergindo nele as últimas esperanças. Em seu lugar, uma profunda sensação de isolamento, de abandono, permanecia. Todos aqueles que tinha amado haviam partido. Sua mãe, morta quando ele era apenas uma criança, depois seu pai, e agora, aí estava Giovanna. Tudo o que havia alegrado sua existência, tudo o que havia feito bater seu coração iria se resumir em três, sepulcros. - « Oh! Murmurava, Ser invisível que se ri de nossas lágrimas, nos faz então viver apenas para nos torturar? Entretanto não pedi para nascer. Por que me tirou do nada, lá onde se dorme, onde se repousa, onde não se sofre! » A alvorada veio aclarar com suas pálidas luzes a triste cena da morte, Giovanna depositada no caixão, a chegada do padre, a partida para o cemitério. Semelhante a um autômato, Maurice seguiu o féretro, coberto de ramalhetes de rosas brancas, levadas pelas jovens meninas de Gravedona. Afundado em sua dor, ele não via nada do cerimonial fúnebre na igreja, não escutava certamente as salmodias lúgubres. O barulho surdo da terra caindo sobre as tábuas do caixão o chamou enfim a si.

Os assistentes se foram, a cova fechada, se encontra só, diante da sepultura de sua noiva. Então seu coração se dilacera; ele se lança sobre o solo, estendendo seus braços por cima da morta; um soluço se ergue em seu peito e um regato de lágrimas escorre de seus olhos.

VI

O inverno chega, espessas nuvens demoram no céu; o vento passa mugindo sobre as colinas despojadas, fazendo turbilhonar os monturos de folhas mortas. Maurice, sozinho, vestido de luto, está sentado perto de uma lareira que crepita no seu pequeno aposento dominando o lago. Um livro está aberto diante dele; mas não o está lendo; sombrios pensamentos o assediam. Sonha com aquela que repousa sob a terra gelada, ouvindo os gemidos do vento que chora como uma legião de almas em sofrimento. Por vezes, se levanta e vai observar, por detrás do vidro, o tapete cinzento das águas, o horizonte cujas cores de chumbo se harmonizam com o estado de seu espírito; depois apanhando um bauzinho de madeira esculpida, abre-o e retira flores dessecadas, um laço de fitas, jóias de mulher. Aperta sobre seus lábios essas relíquias de amor; o passado evocado se revela em sua memória. E as horas se sucedem às horas. Maurice permanece lá, meio inclinado sobre esse fogo que queima na atmosfera úmida. Ele sonha com a felicidade perdida, as esperanças desvanecidas. A falta de coragem reavivou o desgosto da vida, esse desgosto de amar outra vez, o invadiu novamente; idéias de suicídio germinam no fundo de seu pensamento.

A noite se faz e o fogo vai se extinguir, mas Maurice se compraz nesta obscuridade mais e mais espessa. Um roçamento se fez ouvir atrás dele. Volta-se e não vê nada. É sem dúvida o barulho do vento ou os passos da empregada, no quarto vizinho. Perto da chaminé está um piano, mudo há muito tempo. De repente sons se elevam desse móvel hermeticamente fechado. Confundido pala surpresa, Maurice presta atenção. Essa ária bem conhecida é a canção de Mignon, a canção preferida de Giovanna, e que ela gostava de tocar à noite, após a refeição. O coração de Maurice fica apertado ; as lágrimas molham seus olhos. Levanta-se, dá a volta no piano : ninguém! O banquinho está vazio. Volta para o seu lugar. Será isso uma ilusão sonora ? Uma sombra branca ocupa a poltrona que acabara de deixar. Tremendo, se aproxima. Seus olhos, seu olhar límpido, seus cabelos louros

como espigas maduras, essa boca sorridente, esse porte esbelto, alongado, é a imagem de Giovanna. Oh magia, a tumba devolve então os seus hóspedes! Uma voz vem acariciar seus ouvidos: - « Amigo, não receie nada, sou bem eu, não procure me segurar, não sou senão um Espírito. Não se aproxime mais, escute-me. » Maurice se ajoelha e chora - « Meu anjo, minha noiva, é então você ? »

- Sim, sou sua noiva, noiva de você bem antes desta vida. Escuta, um laço eterno nos une. Nós nos conhecemos desde séculos, temos vivido lado a lado por muitas vezes, percorrido juntos muitas existências. A primeira vez que o encontrei sobre a terra, estava bem fraca, bem tímida, e a vida então era dura. Você me tomou pela mão, me tem servido de apoio; desde esse momento, não nos separamos jamais. Sempre nos seguimos nas nossas vidas materiais, andando no mesmo caminho, nos amando, sustentando um ao outro. Ocupado com os combates, os empreendimentos guerreiros, você não podia realizar os progressos necessários para que seu espírito livre, purificado, pudesse deixar este mundo grosseiro. Deus queria prová-lo; nos separou. Eu poderia subir para outras esferas, mais felizes, enquanto que você deveria prosseguir, sozinho, sua provação aqui em baixo. Mas preferi esperá-lo no espaço. Você cumpriu duas existências desde então, e durante seu curso, testemunha invisível de seus pensamentos, não tenho cessado de velar sobre você. Cada vez que a morte arrancava sua alma da matéria, você me encontrava e o desejo de se elevar o fazia tomar com mais ardor o fardo da encarnação. Desta vez, tendo tanto orado, tendo tanto suplicado ao Senhor, ele me permitiu voltar sobre a terra, aí tomando um corpo, uma voz, para ensinar a você o bem e a verdade. Nossos amigos do espaço nos aproximaram, reunidos, mas por um tempo limitado. Eu não podia mais permanecer por muito tempo sobre a terra, minha missão já estava completa. Não devia ser sua aqui em baixo.

« É chegada uma hora em que os Espíritos podem, segundo a permissão divina, se comunicar com os humanos. Por isto venho, para guiá-lo, encorajá-lo, consolá-lo. Se quiser que esta existência terrestre seja a última para você; se quiser que, à sua partida, sejamos reunidos para não mais nos separarmos, consagre sua vida à seus irmãos, ensine-lhes a verdade. Diga-lhes que o objetivo da existência não é de adquirir bens efêmeros, mas de aclarar sua inteligência, de purificar seu coração, de se elevar para Deus. Revele as grandes leis do Universo, a ascensão dos Espíritos para a perfeição. Ensine-lhes a via múltipla e solidária, os mundos inumeráveis, as humanidades irmãs. Mostre-lhes a harmonia moral que rege o infinito. Deixe atrás de você as sombras da matéria, as paixões maldosas; dê a todos o exemplo do sacrifício, do trabalho, da virtude. Tenha confiança na divina justiça. Olhe adiante, para a luz longínqua que aclara o objetivo, o objetivo supremo que deve nos reunir no amor, na felicidade. »

« Sem tardar entregue-se à obra; nós o sustentaremos, o inspiraremos. Estarei próximo a você na luta, envolvê-lo-ei em um fluido benfazejo. Assim, nesta noite, me tornei visível aos seus olhos, revelei o que ainda ignorava. E um dia, quando tudo o que tem em você, de terrestre e de baixo, tiver se desvanecido, unidos, confundidos, nos elevaremos juntos para o Eterno, juntando nossas vozes ao hino universal que sobe de esfera em esfera até Ele. »

Reencontrei Maurice Ferrand, há alguns anos, numa grande vila, por detrás dos Alpes. Havia começado sua obra. Pela escrita, pela palavra, trabalhava disseminando esta doutrina conhecida sob o nome de Espiritismo. Os sarcasmos e as zombarias choviam sobre ele de todas as partes. Céticos, devotos, indiferentes, todos se uniam para o importunar. Mas, calmo, resignado, não parava de seguir em sua missão. « Que me importa, me dizia, o desdém desses homens. Um dia virá em que, com auxílio da provação, compreenderão que esta vida não é tudo e pensarão em Deus, em

seu porvir sem fim. Então talvez se recordem daquilo que lhes disse. A semente lançada neles poderá germinar. E, aliás, acrescentou observando o espaço - e uma lágrima brilhou em seus olhos - o que faço, é obedecer àqueles que me amam, é para me aproximar deles! »

Fim